Revista de @ntropologia da UFSCar
R@U, 9 (2), jul./dez. 2017: 255-265.

Os tortuosos caminhos de Exu

Lucas Marques
Doutorando em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ

Salvador é uma cidade de esquinas, becos e vielas. Encruzilhadas. Morros, encostas e ladeiras. Territórios atravessados pela força-intensidade de Exu, o orixá do movimento. Foi por meio e através de um desses territórios, a Ladeira da Conceição da Praia, localizada no centro antigo da cidade, que conheci o ferreiro que, por meio da força de Ogum, dá forma e vida a essas e outras entidades através da materialização de suas energias (axé) em sublimes esculturas forjadas em ferro. Esse ferreiro, chamado José Adário dos Santos, trabalha há mais de 50 anos fabricando tais esculturas, chamadas *ferramentas de santo*, além de produzir outros materiais ligados ao universo religioso de matriz africana, como *agogôs*, *cadacorôs*, *idés* e *adjás*. Aos 69 anos de idade, José Adário é hoje considerado um grande ferreiro (ou "ferramenteiro-de-orixá"). Seu processo de aprendizagem técnica com os metais acompanhou sua aprendizagem com o próprio candomblé: iniciado na religião aos oito anos de idade, ele é também pai-de-santo (*babalorixá*), cuidando de seus orixás em uma casa localizada em um bairro periférico de Salvador. Mas foi Exu, por meio de uma de suas muitas faces, quem forneceu o apelido pelo qual ele ficou conhecido em sua profissão; José Adário tornou-se, assim, o Zé Diabo.

Conheci Zé Diabo em 2012 e, desde então, venho acompanhando suas andanças entre sua oficina e diversas casas de candomblé, seja fabricando e assentando ferramentas de santo, seja realizando ebós, oferendas ou participando de festas e rituais de feitura. Durante todo este tempo, Zé foi se tornando para mim algo mais do que um "informante" ou um "nativo", mas, sobretudo, tornou-se um amigo e um mestre, seja no trabalho com o ferro, seja na arte do candomblé. De certo modo, o ensaio fotográfico que apresento aqui é uma parte deste caminho trilhado e, principalmente, um entrecruzamento (encontro, ou encruzilhada) dos diversos caminhos que nos atravessaram desde então[1].

Como Exu é o primeiro orixá do panteão dos deuses afro-brasileiros, onde e para quem se começam todos os *trabalhos* no candomblé, e também sempre a primeira (e mais frequente) ferramenta a ser feita na oficina de Zé Diabo, foi ele o orixá escolhido para compor a narrativa deste ensaio. Assim, a intenção é acompanhar, por meio de uma narrativa mais sensorial que explicativa, os tortuosos caminhos percorridos pelo ferro até ele se tornar uma ferramenta de Exu. Tais caminhos vão desde o "pedido" da entidade em materializar-se (por meio de sonhos, aparições ou jogos de búzios), passam pelo desenho de cada uma das ferramentas, pela preparação dos ferros e materiais, pela forja (principal etapa da fabricação das ferramentas), pela armação e soldagem até, após envernizadas, serem colocadas para secar – sempre, invariavelmente, viradas para o lado da rua. Todo esse processo é regido pelo orixá Ogum, o orixá ferreiro, senhor das guerras e das tecnologias.

1 A convivência mais intensa com Zé se deu em dois períodos de trabalho de campo, de pouco mais de um ano cada, períodos que resultaram tanto em minha monografia de graduação (Marques 2014), quanto em minha dissertação de mestrado (Marques 2016).

É ele quem possibilita o *caminho* para que haja um diálogo improvisativo entre o ferreiro, os materiais e as energias que povoam a oficina, com as quais Zé deve trabalhar.

O trabalho de Zé Diabo em sua oficina, portanto, é o de modular e canalizar essas distintas energias, fazendo com que – por meio da interação com os gestos, o ambiente e os diversos elementos que o povoam – os ferros possam se transformar em ferramentas *trabalhadas* por alguém com a "*mão de axé*", ou seja, que eles sejam carregados com o que ele chama de *jabá de Ogum*, o trabalho deste orixá. Assim, Zé se comporta como um verdadeiro maestro nesta orquestra arranjada de ritmos, cadências, atividades, movimentos e energias distintas, improvisando e acionando movimentos no decorrer da atividade produtiva, seguindo, assim, os caminhos da própria força-intensidade inscrita nos metais. Como escutei de diversas pessoas durante o campo, a ferramenta, ao sair da oficina e ir para um terreiro (onde passará por outras *feituras* e *caminhos*), já sai dali mais "viva", com mais *axé*. É a este processo de "dar vida" que busco evocar neste ensaio.

Com a intenção de adentrar no universo sensorial e estético da oficina e percorrer as linhas de movimento e interação acionadas durante a ferramentaria de orixás, busquei, neste ensaio fotográfico, deslocar a imagem de modo a não privilegiarnem somente um suposto sujeito (o ferreiro) nem tampouco focar somente nos "objetos" (ferros); mas, sem distinguir a priori os diversos pontos de ação, minha intenção aqui é evidenciar os processos. Partindo desta visão processual, busco o modo como, no decorrer do processo técnico, deuses, coisas e pessoas dialogam entre si, constituindo-se enquanto tal e constituindo o próprio ambiente, num engajamento mútuo e improvisativo entre o humano, os deuses, o meio e a matéria; onde o fazer torna-se o elemento central de todo o diálogo. Nesse sentido, a fotografia foi tomada aqui enquanto um modo de relação, uma forma de aprendizagem e de exploração dos movimentos e ações técnicas presentes no universo da oficina de Zé Diabo. Ao evocar processos mais do que produtos, a fotografia, assim, poderia ser pensada – para parafrasearmos uma expressão cunhada por Jean Rouch para o cinema etnográfico – como uma espécie de "foto-transe", na medida em que ela não busca apenas "registrar" técnicas, mas transformar o modo de relação entre minha percepção e as ações de Zé Diabo. A fotografia, assim, poderia ser pensada também enquanto um cruzamento desses caminhos.

Por fim – ou melhor, para começar – cabe voltarmos a Exu, o orixá da encruzilhada, da multiplicidade. Se toda ferramenta de Exu é única, cada exu é, em si, uma multidão; pois comporta em suas formas e forças as suas múltiplas variações existenciais. Exu conecta diferentes enquanto diferentes. Não há sínteses possíveis para Exu; para ele, só há totalidades ao lado. Ao apresentar Exu e uma parte de seus variados e tortuosos caminhos, minha intenção é que este ensaio possa, também, ser tomado por essas multiplicidades. Pois se a narrativa é construída de modo a tornar inteligível um caminho, cabe alertar ao leitor que esse caminho é, em si, um caminho sinuoso, composto do cruzamento dos mais variados caminhos: meu, de Zé Diabo, da oficina, dos ferros e das diversas entidades que nos atravessaram neste processo. Resta somente agradecer a Zé Diabo (e às forças que o povoam) por terem possibilitado estes encontros.

Referências

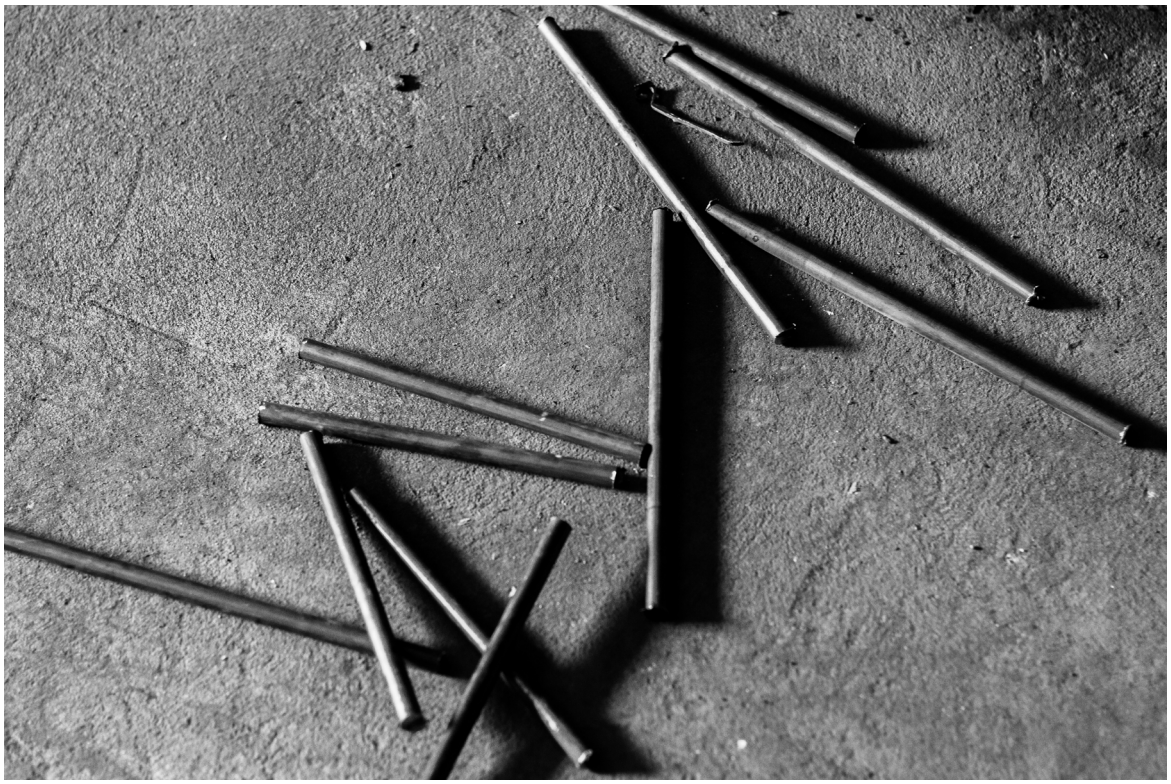
MARQUES, Lucas. 2014. *Forjando Orixás: técnicas e objetos na ferramentaria de santo da Bahia*. Monografia de graduação. DAN, Universidade de Brasília.

MARQUES, Lucas. 2016. *Caminhos e Feituras: seguindo ferramentas de santo em um candomblé da Bahia.* Dissertação de mestrado. PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Recebido em 21 jul. 2017.

Aceito em 30 ago. 2017.

Venha peregrinar no mais belo
olhar criado por Deus!
Ela catará à sua capa



QUINA